

A Resistência da Língua Portuguesa

João Domingues

A língua portuguesa é a terceira língua da Europa Ocidental mais falada em todo o mundo. Mais, o número de pessoas que falam o português está a crescer. Mesmo na ausência de políticas da língua coerentes nos países que tinham obrigação de as ter.

A língua portuguesa é indiscutivelmente importante e suficientemente viva para que a sua cotação não seja descurada como apreciável veículo cultural e político que se estima para quase 260 milhões de falantes dentro de quinze anos.

Temos três vertentes indissociáveis (económica, cultural e política) que determinam a expansão e afirmação da língua portuguesa no espaço físico que se quer coincidente com o dos países que lhe dão guarida, ou mesmo extravasando-o. Torna-se evidente que a política da língua deve caminhar a par com a política da cultura devendo ambas unir-se num corpo bicéfalo. Também se torna claro que tal política só pode ser frutuosa com uma união de esforços, de um modo persistente, continuado e cadenciado. No actual mundo em que se encolhem distâncias e em que a globalização ignora fronteiras físicas, os países têm a facilidade e o maior interesse em formar círculos de cooperação com denominadores comuns. Foi graças a um complicado exercício de engenharia política e diplomática que, em 1997, os sete países que têm o português em comum conseguiram esboçar um fórum que lhes permitiria defender em bloco interesses políticos e culturais, que individualmente dificilmente poderiam passar do plano das intenções.

Mas é por demais evidente que se deve "arrumar a casa" antes de propor políticas em fora internacionais como a CPLP. É de elementar lógica que primeiro se manifestem intenções e vontades no plano interno, sob pena de se passar a um patamar superior esvaziado de força por manifesta falta de conteúdo e desprovido de qualquer estratégia estruturante e eficaz. Ora, neste aspecto as principais forças motrizes da CPLP (Brasil e Portugal), deixam transparecer no espelho desta organização um vazio de intenções quase total e desconcertante. Portugal não tem uma política da língua coerente; nas palavras de Eduardo Prado Coelho, "temos uma retórica da língua portuguesa, temos uma gestão da língua, temos demagogos da língua, temos mesmo "gangsters" da língua, mas não temos uma política da língua". Ainda assim, é de elementar justiça lembrar os esforços da instituição que tenta dar um colorido neste cenário sombrio da difusão e promoção da língua portuguesa no mundo: o "Instituto Camões".

Neste mesmo plano interno, convém ainda salientar que a força motriz brasileira não desenvolveu qualquer tipo de política interna de projecção e divulgação da língua portuguesa no estrangeiro que tenha acrescentado qualquer tônica vigorosa assinalável. No entanto, o Brasil que até aqui confiava apenas na sua poderosa máquina de teledifusão para a projecção da língua, começa agora a procurar tirar partido do interesse manifestado pelos seus vizinhos e parceiros do Mercosul na língua portuguesa, para dinamizar a acção do "Centro de Cultura Brasileiro".

Em 1989, numa iniciativa anterior à própria CPLP, os países-membros criaram o "Instituto Internacional de Língua Portuguesa", que viria a ser inserido

posteriormente na própria estrutura da Comunidade, tornando-se nos seus propósitos uma verdadeira pedra angular do edifício da lusofonia. Simplesmente, acontece que não há instituto que funcione sem conteúdos programáticos realistas e, acima de tudo, sem que possa contar com uma verdadeira vontade política.

Mas, pessimismos à parte, por que motivo é que a língua portuguesa é a terceira língua da Europa Ocidental mais falada em todo o mundo? Mais: por que motivo é que a língua portuguesa é, segundo dados recentemente compilados pelo "Instituto Camões", a única que, a par da língua castelhana, tem verificado um acréscimo no número total de falantes, enquanto que outras línguas como o inglês, francês, alemão ou italiano têm, em percentagem da população mundial, diminuído no número de utilizadores desde a década de 50? A resposta não é simples nem evidente, e ainda menos se considerarmos que a língua inglesa é uma língua franca utilizada em primeiro lugar sempre que dois interlocutores de línguas diferentes pretendem comunicar, ou que é a língua utilizada em 60-80% dos artigos de informação científica publicados em revistas científicas de renome e que figuram nos relatórios internacionais, seguindo-se-lhe o francês, alemão e russo com uma quota situada entre 25 e 30%.

A resposta às questões anteriormente apresentadas pode tornar-se mais clara se atentarmos a que: 1) o PIB do conjunto dos países que têm o inglês como língua oficial representa mais de metade do PIB mundial; 2) as maiores concentrações de falantes de português e castelhano encontra-se na América Central e do Sul. O que pode explicar no primeiro caso uma estagnação ou diminuição da taxa de natalidade, enquanto que no segundo se passará precisamente o inverso.

Visto isto, quais serão as condições para uma permanência e expansão da língua portuguesa no futuro?

"A primeira condição (...) é a sua difusão natural, o que depende do simples factor físico do número de pessoas que a fala naturalmente"

- Fernando Pessoa

Neste aspecto, e apesar das más políticas dos vários países que lhe servem de casa, a língua portuguesa conhece hoje um desenvolvimento e progressão um pouco por todo o mundo. A língua portuguesa tem verificado um aumento de falantes naturais, especialmente nas antigas possessões portuguesas no continente africano. O português não foi língua metodicamente implantada no continente africano até alturas da Conferência de Berlim de 1884-1885, o que reduz para um período inferior a 100 anos (2-3 gerações) a verdadeira fase colonial. Durante este período, a língua tinha a regra europeia e era impeditiva de ascensão social. Após a descolonização, o modelo europeu de português deixou de estar tão presente, o que, se por um lado veio enriquecer o vocabulário da variante africana do português, por outro escancarou as portas para a ascensão social. Isto, aliado ao "princípio de apropriação da língua do colonizador como instrumento de libertação e a maior conquista dos colonizados" provocou o aumento generalizado de utilizadores.

"A segunda condição é a facilidade com que poderá ser apreendida"

- Fernando Pessoa

Como observava Clóvis Brigagão, Portugal caracterizou-se por uma "vigorosa capacidade de expansão, permanência e crescimento em todos os continentes", desde o momento em que iniciou a sua aventura marítima. A CPLP possui uma importante base de apoio que lhe confere uma capacidade de mobilização intercontinental: a eficácia (voluntária ou circunstancial) do passado expansionista do Portugal da época imperial. Algo aconteceu com a língua portuguesa que

permitiu que se fixasse e fosse tão bem tolerada ao longo dos tempos. Alguns linguistas vêem uma explicação na relativa simplicidade da sintaxe. Poderá assim ser. A verdade é que nem os holandeses nem os alemães que tentaram, os primeiros mais que os segundos, estabelecer colónias fora do continente europeu, conseguiram o mesmo feito. Isso não impede, no entanto, que a Alemanha tenha uma política activa e eficaz de promoção da "sua" língua através do "Goethe Institut". Ao fazer uma simples comparação aritmética do português face às referidas línguas de matriz germânica, seremos levados a concluir que, com semelhantes bases de apoio a língua portuguesa teria não só uma facilidade na sua sobrevivência, mas sobretudo uma clara vantagem na sua expansão. É mister que os países tenham presente que uma política cultural/linguística é a máquina que reboca toda uma série de vantagens que vão do campo político ao económico.

"A terceira condição é que a língua terá de ser o mais flexível possível de modo a poder responder na íntegra, a todas as formas de expressão possíveis"

- Fernando Pessoa

Nas vastas áreas descontínuas por todo o mundo onde o português é falado há diferenças e variações na pronúncia, gramática e vocabulário. Sucede o mesmo em todas as línguas vivas. Embora não se possam negar as diferenças, estas não são suficientes para desafiar a estrutura básica da língua. Apesar da sua longa história, a língua portuguesa continua a manter uma respeitável coesão no seio das suas muitas variações. Não se justificam batalhas científicas para harmonizar ortografias que, afinal, são aquilo que permite a vida e identidade própria da língua num enquadramento cultural que de per si é forçosamente diferente.